

Professor: SILVIA PATUZZI

Disciplina: **UTOPIAS MODERNAS**

Tipo: *Disciplina optativa do Núcleo de Aprofundamento*

Período: 02/2025



Utópicos, críticos e reformadores sociais

O problema das desigualdades na crítica moderna (séculos XVI-XVIII)

A proposta dessa disciplina optativa é indagar o conceito de utopia, palavra malvista e associada a projetos irrealizáveis e até mesmo ingênuos, mas que sobreviveu mais de 500 anos. Uma das razões de sua longevidade é que o nosso espírito criativo não pode prescindir de objetivos aparentemente longínquos, até mesmo porque propósitos distantes, que se deslocam com o horizonte histórico, são continuamente alimentados por energias e realizações concretas, verdadeiro motor de mudança, como já anunciado por Thomas More em sua *Utopia* (1516): *não renunciamos a salvar o navio da tempestade só porque não saberíamos impedir o vento de soprar*.

I – OBJETIVOS

O objetivo geral é caracterizar o gênero utópico moderno inaugurado por Thomas More e analisar as diversas apropriações daquele paradigma filosófico-literário por intelectuais, reformadores e revolucionários, entre os séculos XVI e XVIII.

Diferentemente das propostas de reforma de cunho religioso e escatológico, como as milenaristas medievais e as dos anabatistas do Quinhentos, as utopias renascentistas inauguraram, na Europa Moderna, programas laicos de renovação da vida coletiva. O humanista que elaborava utopias no Renascimento não se considerava um teólogo ou filósofo acadêmico, e sim um moralista que, ao descrever sociedades por ele imaginadas

enquanto existentes ou possíveis de existirem em um alhures espaço-temporal, apresentava-as como vantajosas e até mesmo exemplares.

A Utopia de Thomas More (1516) foi uma das obras mais representativas deste procedimento e marca o nascimento da utopia moderna enquanto projeto político, vale dizer, enquanto possibilidade de projetar uma sociedade alternativa à institucionalizada e de lutar por sua transformação em realidade.

A rápida difusão desse gênero por toda Europa, ao longo do século XVI, permitiu que a temática da sociedade ideal fosse entrelaçada à da cidade ideal - com Francesco Doni e Patrizi, por exemplo - e à da "nova sociedade" e dos novos procedimentos da ciência - com T. Campanella e F. Bacon, por exemplo -, tornando a crítica social mais sistemática e propositiva. O objetivo continuava sendo o de responder à pergunta lançada por More: *como imaginar um modelo de vida coletiva, social e político, que dispensasse ordenações exteriores à vida social? Como formar homens capazes de zelar pelo bem comum de forma mais justa e igualitária?*

No século XVIII, a experiência intelectual das Luzes retomou essas indagações e transferiu o impulso utópico do "distante no espaço" para o "distante no tempo". Os contemporâneos da Revolução Francesa não imaginaram uma sociedade em ilhas longínquas, mas a projetaram em um futuro histórico concreto, sonhado como mais justo e pacífico. Com Rousseau, Saint-Simon, Marx e Engels, a imaginação utópica assume uma dimensão transgressiva e reformista.

II – PROGRAMA

O curso articula-se em dois blocos, I. A Utopia de Thomas More, II. Relato utópico e crítica social, e conta ainda com um módulo conclusivo dedicado à relação entre Utopia e Cinema na atualidade.

I. A UTOPIA DE THOMAS MORE

O primeiro bloco analisa o neologismo moderno "utopia" e sua conceituação no âmbito da literatura e da sociologia contemporâneas. Em seguida, propõe a leitura comentada da obra de More e a caracterização da Utopia na primeira época moderna.

1. 19/08: Utopia não é sociedade ideal (exercícios de definição a partir de 4 fontes).

DAVIS, J. C. "Utopia y la sociedad ideal en busca de una definición". *Utopia y la sociedad ideal. Estudios de la literatura utopica inglesa, 1516-1700*. México: FCE, 1985, pp. 21-49.

2. 21/08: O vocábulo: sentidos do termo; tipologias enquanto gênero; apropriações políticas no pensamento político moderno.

FIRPO, L. Para uma definição da "utopia". *Morus - Utopia e Renascimento*, n. 2, pp. 227-237, 2005.

BACZKO, Bronislaw. "Utopia". *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985, v.5, pp. 346-396.

CACCIARI, Massimo; PRODI, Paolo. *Ocidente sem utopias*. Belo Horizonte: Aynié, 2017.

3. 26/08: Thomas More, a embaixada em Flandres e a história da redação de Utopia (1513-1518).

PRÉVOST, André. A Utopia: o gênero literário. *Morus - Utopia e Renascimento*, n. 10, 2015
GINZBURG, Carlo. *Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa*. São Paulo: Cia das letras, 2004.

QUARTA, Cosimo. Utopia: gênese de uma palavra-chave. *Morus - Utopia e Renascimento*, n. 3, 2006; L'Utopia come progetto e processo storico: dall'età antica all'alto Medioevo. *Morus - Utopia e Renascimento*, n. 2, 2005.

VALLÉE, Jean-François. "Le livre utopique." *Mémoires du livre - Studies in Book Culture*, volume 4, n. 2, 2013.

4. 28/80 e 02/09: Utopia livro I (um diálogo filosófico).

A leitura e análise da obra seguirá a edição integral (Basiléia, 1518), traduzida e comentada por A. Prévost e cotejada pelas traduções do latim para o português, de Marcio M. Gouveia Júnior (Autêntica), e do inglês por Jefferson L. Camargo e Marcelo B. Cipolla (Martins Fontes). Será ainda disponibilizada a edição inglesa de 1518 (1895).

PRÉVOST, André. *L'utopie de Thomas Morus*. Présentation, texte original, apparat critique, exégèse, traduction et notes. Paris: Mame, 1978.

MORE, Thomas. *Utopia*. São Paulo: Autêntica, 2017 (ed. bilíngue, latim-português).

MORE, Thomas. *Utopia*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MORUS, Thomas. *Utopia*. Londres: Oxford, Clarendon Press, 1895. Disponível em: <<http://archive.org/details/theutopiaofsirthe00moreuoft>>.

5. 04/09: Utopia livro II (o relato sobre a ilha da Utopia).

Idem.

II. RELATO UTÓPICO E CRÍTICA SOCIAL

O segundo bloco enfoca alguns textos representativos do gênero utópico renascentista produzidos na Europa e nas Américas, ao longo da Época Moderna, a serem analisados e debatidos em sala. Com os alunos, será montado um sistema de alternância entre aulas frontais e apresentações dos discentes, que deverão escolher e apresentar suas análises a partir alguns eixos temáticos.

6. 09/09 a 23/09: A cidade ideal, entre história e utopia - da iconografia itálica sobre as cidades ideais à missão como espaço ideal nas Américas.

VALDÉS, Alfonso de. *Diálogo de Mercurio y Carón* (1528), libro segundo.

GUEVARA, Antonio de. *Libro áureo de Marco Aurelio* (1528), capítulos XXXI-XXXII.

QUIROGA, Vasco de. *Carta al Consejo* (1531), *Información en Derecho* (1535), *Ordenanzas para el gobierno de los Hospitales de Santa Fe de México y de Michoacán* (1564), *Testamento* (1565) in *La Utopía en America*. Madrid: Edición de Paz Serrano Gassent, 1992

VEGA, María José (ed.). *Omníbona. Utopía, disidencia y reforma en la España del siglo XVI*, Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2018.

PÉREZ, Joseph. Los pobres en la Castilla del siglo XVI. *Mitos y tópicos de la historia de España y América*, Madrid, Algaba, 2006, 111-126.

GINZBURG, Carlo. O Velho e o Novo Mundo vistos de Utopia. *Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa*. São Paulo: Cia das letras, 2004.

CANTÙ, Francesca. América y Utopía en el siglo XVI, *Cuadernos de Historia de América*. Anejos, 2002, I, 45-64.

MARAVALL, J.A. *La utopía político religiosa de los franciscanos en Nueva España*: Estudios Americanos 1, 1947.

ZAVALA, Silvio. *La Utopía de Tomás Moro en la Nueva España*. Méjico: Robledo, 1937.

7. 25/09 a 07/11: Imaginação utópica e projetos de harmonia social.

As novas repúblicas imaginadas a partir da segunda metade do século XVI possuem estruturas filosóficas mais complexas e utilizam estruturas narrativas mais audazes, para imaginar modelos de vida coletiva, social e política, que se autorregulam, eliminam as desigualdades políticas e sociais e propõem sistemas educacionais capazes de forjar "novos homens".

CAMPANELLA, Tommaso. *A Cidade do Sol* (1602). Lisboa: Guimarães, 1953.

BACON, Francis. *A Nova Atlântida* (1627). São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Col. Os Pensadores)

BACON, F. Novum Organum. *O Progresso do Conhecimento*. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

WINSTANLEY, Gerrard. *The Law of Freedom in a Platform*. In: HILL, Christopher (org.). Winstanley: 'The Law of Freedom' and other writings. New York: Cambridge University Press, 1983).

DELUMEAU, Jean. *O mistério Campanella*. São Paulo: Madras, 2011.

_____. *Mil anos de felicidade: uma história do paraíso*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

ROSSI, Paolo. *A ciência e a filosofia dos modernos*. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

HILL, Christopher. *O Mundo de Ponta-Cabeça – Ideias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

DAVIS, J. C. Sir Francis Bacon y la sociedad ideal; Gerrard Winstanley y la restauración de la verdadera magistratura. *Utopia y la sociedad ideal. Estudios de la literatura utópica inglesa, 1516-1700*. México: FCE, 1985, pp. 110-42; 170-204.

OLIVEIRA, B. Jefferson de. A Ciência nas Utopias de Campanella, Bacon, Comenius e Glanvill. *Kriterion*. Vol. 43. N. 106. Belo Horizonte: UFMG, dez. 2002, pp. 42-59.

8. 09/11 a 23/11: A Utopia revolucionária.

Serão identificados os novos nexos conceituais propostos através do gênero utópico no período das Luzes e da Revolução: utopia/futuro/revolução/progresso.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Considerações sobre o governo da Polônia e sua reforma projetada* (1771). São Paulo: Brasiliense, 1982.

MONTESQUIEU. *Cartas Persas* (1711-1720). São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista* (1848). São Paulo: Boitempo, 2010.

VENTURI, Franco. *Utopia e reforma no Iluminismo*. São Paulo: EDUSC, 2003.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, PUC-Rio, 2006.

9. 28/11 a 06/12: Cinema e Utopia.



O fechamento do curso prevê um exercício de "atualização" das temáticas debatidas abordando a relação entre cinema, utopia e distopia. O conceito de Utopia, como foi sendo elaborado ao longo da história moderna, de Thomas More a Herbert Marcuse, sempre seduziu o cinema tanto em sua acepção positiva - a ilha feliz, os horizontes perdidos -, quanto em sua acepção negativa, de um futuro desumanizado, totalitário e sem saída. Cinema e Utopia convivem desde o início, pois o imaginário fundado pela Utopia é expresso em módulos narrativos e artísticos, antes de ser formulado em termos filosóficos. Thomas More "narra" a Utopia recorrendo a um marinheiro-filósofo e, antes dele, Erasmo de Rotterdam faz falar a Loucura, porta-voz de um mundo de ponta-cabeça, como em um monólogo

teatral. Além disso, o cinema adquire sua específica dimensão visual fabricando imagens em um dado espaço e tempo, elementos que caracterizam a própria natureza da Utopia, a qual cria dinâmicas espaço-temporais idealizadas na harmonia ou precipitadas em incubos. Como a Utopia, o Cinema é atraído por procedimentos que permitem visualizar futuros possíveis, descrevendo mundos cujo advento é prefigurado narrativamente. Por todas essas razões, o curso propõe que sejam analisados quatro filmes que tematizam o significado e o valor da utopia e narram histórias que se desenrolam em mundos verossímeis, passados ou futuros, inspirados em ideais utópicos. A proposta é começar com **Fahrenheit 451**, de François Truffaut, prosseguir com **O jovem Karl Marx**, de Raoul Peck e com **A onda**, de Dennis Gansel, concluindo com **Capitão Fantástico**, de Matt Ross.

III – BIBLIOGRAFIA GERAL

- BLOCH, Ernst. *O Princípio Esperança*. Tradução Nélio Schneider. 2º volume. Rio de Janeiro: Contraponto / UERJ, 2006. (Caps. 36 a 42).
- ENGELS, Friedrich. *Socialisme utopique et socialisme scientifique*. Domínio Público / Association Bibliophiles Universels (ABU). Site: <http://www.dominiopublico.gov.br>
- FOURIER, Charles. *El Nuevo Mundo Amoroso*. Trad. Martí Soler y Aurelio Garzón Del Camino. México: Siglo Veintiuno, 1972.
- RABELAIS, François. *Gargantua*. Tradução Aristides Lobo. São Paulo: Hucitec, 1986. (Caps. LII a LVIII, “Abadia de Télema”, (...), “Como se regulavam os Telemitas em sua maneira de viver” e “Enigma Profético”).
- BERLIN, Isaiah. *Limites da Utopia: capítulos da história das ideias*. Tradução Walter Lellis Siqueira. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
- BLANQUI, Auguste. *Le Comunisme, avenir de la Société*. Paris: Éditions Le Passager Clandestin, 2008.
- COHN, Norman. *Na Senda do Milênio: milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média*. Tradução Fernando Neves e António Vasconcelos. Lisboa: Presença, 1981.
- DEBOUT, Simone. *L’Utopie de Charles Fourier*. Paris: Les Presses du Réel, 1998.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Cocanha. A história de um país imaginário*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- FURTER, Pierre. *Dialética da Esperança: uma interpretação do pensamento utópico de Ernst Bloch*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Tradução Sérgio Magalhães Santeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- MARCUSE, Herbert. *O Fim da Utopia*. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- MARX, Karl. “A chamada Acumulação Primitiva”. In MARX, K. *O Capital* (Crítica da economia política). Livro I: o processo de produção de capital. Tradução Reginaldo Sant’Anna. 3ª edição. Vol. I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, pp. 828-82.
- OLIVEIRA, B. *Francis Bacon e a fundamentação da ciência como tecnologia*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.
- POPKIN, Richard H. “Savonarola e Cardeal Ximenes: pensadores milenaristas e atores às vésperas da Reforma”. *Kriterion*. Vol. XXXIX. N. 97. Belo Horizonte: UFMG, janeiro a julho/98, pp. 9-22.
- BURKE, P. et alli *O Homem Renascentista* (dir. de Eugenio GARIN). Lisboa: Presença, 1991.
- CAMBI, Maurizio. “Storia e Utopia nel Primo Seicento Francese.” In: FORTUNATI, Vita (org.). *Vite di Utopia*. Ravenna: Longo Editore, 1997.
- CANTIMORI, Delio. *Utopisti e riformatori italiani (1794-1847)*. Firenze, 1943.

- DELUMEAU, J. A Civilização do Renascimento. Lisboa: Estampa, 1984.
- FIRPO, Luigi (org.). *Studi sull'Utopia*. Firenze: Leo S. Olschki. 1977.
- GARIN, Eugenio *Rinascite e Rivoluzioni: Movimenti Culturali dal XIV al XVIII secolo*, Roma-Bari, Laterza/Mondadori, 1992.
- MAFFEY, A. Tipologia dell'utopia, in N. MATTEUCCI (a cura di), *L'utopia e le sue forme*. Bologna: Il Mulino, 1982.
- VERSINS, Pierre. *Encyclopédie de l'utopie des voyages extraordinaires et de la science fiction*. Lausanne: L'Age d'homme, 1972.
- TRAHAIR, R. C. S. *Utopias and Utopians: An Historical Dictionary*. London: Fitzroy Dearborn, 1999.